



Impacto da Covid-19 nos Trabalhadores da Saúde da Tríplice Fronteira	
Disciplina: Antropologia da Saúde	Docente: Anaxsuell Fernando
Discentes: Gabriel Pieri ¹ , Max da Silva Maciel ² , Miguel Angel Soto Ortiz ³	

Resumo (abstract)

A atual conjuntura de crise no setor de Saúde mundial mediante a pandemia do Covid-19, vírus SARS-CoV 2, provocou várias modificações no âmbito da atuação e concretização dos serviços de saúde pelos profissionais de saúde do país e do mundo. No Brasil, o desenvolvimento de problemas psicológicos e físicos provocaram quedas no desempenho e qualidade de vida dos profissionais. Dentre os principais fatores que desencadearam tais problemas estão a ansiedade e o medo. O presente artigo tem o intuito de apresentar resultados de uma pesquisa realizada com profissionais de saúde de Foz do Iguaçu e compará-los com resultados já obtidos pelo Ministério da Saúde e artigos de periódicos descritos por profissionais da área da saúde. No total foram 40 entrevistados a respeito dos mais variados problemas possíveis de serem desencadeados pelas alterações no ambiente de trabalho em razão da pandemia. Os resultados mostraram que a ansiedade é o fator predominante a ser desenvolvido pelos profissionais, tanto no início quanto no fim da pandemia.

Palavras-chave: Pandemia, profissionais da saúde, impactos, ansiedade.

Introdução

As concepções de saúde de uma sociedade e, conseqüentemente, a forma de abordagem do eixo saúde-doença geralmente não são neutras. Em vez disso, é condicionado pelo conjunto de valores, crenças, história e cultura desenvolvidos por aquela sociedade. Portanto, os estudos antropológicos, ao investigar a estrutura e os fatores condicionantes de uma sociedade humana, estão investigando também os problemas de saúde dessa comunidade e seus condicionantes (chamados de determinantes) (MENÉNDEZ, 2005).

Sabe-se que a Pandemia do novo COVID-19 é a maior emergência na saúde pública

¹ Acadêmico de Medicina da Universidade Federal da Integração Latino Americana.

² Acadêmico de Licenciatura em Matemática Universidade da Federal da Integração Latino Americana.

³ Acadêmico de Medicina da Universidade Federal da Integração Latino Americana.



internacional das últimas décadas. Além das dificuldades físicas enfrentadas pelos profissionais da saúde, tais como falta de EPI (Equipamento de Proteção Individual) e pouca infraestrutura para lidar com pacientes do novo coronavírus, os trabalhadores têm o desafio constante de manter um equilíbrio psicológico saudável, a fim de desempenhar satisfatoriamente seu trabalho (SCHMIDT et al., 2020). O aumento progressivo de mortes, aliado ao medo constante de um "Inimigo Invisível" levou muitos brasileiros e estrangeiros a um crescente desequilíbrio emocional que desencadeia problemas como ansiedade, estresse, paranoias, depressão e, em últimos casos, suicídio (ORNELL et al., 2020).

Para conhecer o impacto da pandemia nos trabalhadores da saúde da tríplice fronteira, foram entrevistados 18 enfermeiros, 9 técnicos de enfermagem, dois médicos, dois biólogos, dois agentes comunitários de saúde, dois técnicos em saúde bucal, dois estudantes da área da saúde, um dentista, um fisioterapeuta e um psicólogo. Assim, os 40 entrevistados responderam questões relacionadas à sua saúde física e psicológica, mostrando os problemas mais comuns entre este grupo crítico por meio de um formulário elaborado na plataforma *google forms* feito para esse propósito.

Será apresentado aqui, além de dados obtidos pelos organizadores, análises e correlações com pesquisas realizadas por outros órgãos sobre os impactos da atual pandemia na saúde dos profissionais trabalhadores da rede de atenção pública de Foz do Iguaçu.

Resultados

A pesquisa realizada com profissionais da saúde em Foz do Iguaçu revelou que todos os profissionais relataram alterações psicológicas expressivas. Considerando que a maioria dos entrevistados (62,5%) trabalham em UBS (Unidade Básica de Saúde) e ESF (Estratégia de Saúde da Família), os resultados revelam também as mudanças significativas que a pandemia trouxe para tais ambientes, especificamente (ANEXO B). Com relação às ocupações dos entrevistados, a grande maioria se constituiu de enfermeiros (45%) e técnicos de enfermagem (22,5%). Os demais se distribuem entre médicos, psicólogos, estudantes, fisioterapeutas, dentistas e biólogos (ANEXO A).

Sendo assim, em ordem decrescente, os maiores agravantes psicológicos desenvolvidos durante a pandemia e relatados pelos profissionais foram: Ansiedade (75%), Medo (35%), Sensação de inutilidade (32,5%), Angústia (32,5%) e Solidão (20%) (ANEXO E). Enquanto no âmbito dos sintomas físicos desenvolvidos, nem todos afirmaram ter percebido alguma alteração ou agravamento na sua condição de saúde. Dos 82,5% que



relataram alguma alteração na sua condição física, as mais recorrentes foram: Dores musculares (66,7%), Insônia (60,6%), Dores na coluna (36%), Hiperatividade (21,2%) e Inchaço (12,1%) (ANEXO F).

Apesar da expressiva quantidade de profissionais que relataram o aparecimento de problemas físicos e psicológicos, apenas 25% destes buscaram ajuda profissional durante o período pandêmico em questão (ANEXO G). Desses, 57% buscou apoio em instituições privadas, enquanto apenas 43% buscou órgãos e instituições governamentais para tratamento (ANEXO H). Assim, há de se considerar a relevância do assunto para as instituições públicas, que apesar de corresponderem a mais de 80% das instituições de saúde, não possuem uma base de apoio expressiva à saúde psicológica. Por fim, constatou-se que o problema mais buscado para tratamento foi a depressão (ANEXO I) e também que apenas 43% dos entrevistados que de fato procuraram ajuda obtiveram resultados satisfatórios na sua terapia (ANEXO J).

Discussão

Ao longo deste semestre, aprendemos que saúde e seus conceitos derivados, longe de serem universais e fixos, são um reflexo da sociedade que os concebe. O paradigma biomédico hegemônico há várias décadas têm de alguma forma ocultado essa realidade por meio de um reducionismo não só epistemológico, mas também que surtiu efeito nas práxis da saúde (BREILH, 2013).

No entanto, apesar dos sucessivos esforços para superar ou pelo menos complementar essa visão biologicista da saúde, ainda há casos em que essa visão enviesada impõe sua lógica em diferentes áreas em que os processos de saúde e doença se desdobram (BARRETO, 2017). Isso afetou e continua afetando principalmente os trabalhadores de todo o sistema macroeconômico, para os quais, com base na teoria dos recursos humanos, nada mais são do que insumos cujo único combustível é o pagamento de fim de mês.

No atual cenário de pandemia global Covid-19 que vivemos, um grupo particularmente crítico é o dos trabalhadores da saúde, pela elevada vulnerabilidade em que se encontram pois constituem a "primeira linha" de combate a esta doença. Os dados aqui apresentados vão ao encontro desta realidade, visto que evidenciam a vulnerabilidade mencionada, portanto, não é de estranhar que os trabalhadores de saúde apresentem vários sintomas psicológicos e físicos.



Em relação ao que foi observado em nossos entrevistados, outras fontes secundárias como a pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde no período entre 23 de Abril e 15 de Maio, indica uma situação semelhante, por exemplo, em relação ao aumento significativo dos níveis de Ansiedade em trabalhadores da Saúde (PAGNO, 2020). Além disso, os dados dessa pesquisa ainda incluem uma relevância significativa no aumento de casos de Estresse Pós-traumático e Depressão. Para Sonoda (2020):

Momentos como o que vivemos atualmente, de uma pandemia, podem despertar nas pessoas afetos muito intensos, como o medo de morrer (e o medo de viver), pânico, pensamento obsessivo e comportamento compulsivo, desorganização psíquica, ansiedade, falta de perspectiva de futuro, sentimentos de inutilidade, sensação de vazio, de falta de sentido da vida, exaustão (física e mental) entre outros.

Ou seja, mesmo os maiores agravantes para problemas psicológicos em pessoas comuns, que não trabalham com setores da saúde, atingem também os profissionais da saúde, e somados a eles encontram-se tanto os lutos interditados, despedidas mal-feitas, acirramentos de iniquidades e desigualdades sociais (*Idem*). A existência disso atrelado ao medo e angústia de um inimigo invisível provocam transtornos que podem vir a aprofundar problemas já pré-existentes nos profissionais.

Segundo Teixeira *et al* (2020) as principais causas de tais transtornos são o estresse de ter de atender pacientes em estado grave, se expondo aos riscos, e muitas vezes em condições de trabalho inadequadas. Além disso, ele ressalta que “a força de trabalho não é homogênea, porquanto apresenta diferenças de gênero, raça, classe social, estruturantes do acesso aos diversos níveis e cursos de formação profissional [...]”. Estas diferenças sociais dos trabalhadores, bem como sua cultura e suas oportunidades de especialização profissional influenciam o modo como eles são afetados psicologicamente pelo cenário pandêmico atual. De fato, 54,4% dos médicos são homens, sendo que destes, 77,2% dos profissionais são brancos (Scheffer M. et al 2018), entanto nos trabalhadores/as da enfermagem, observa-se uma ampla maioria de mulheres (85,1%) e de negras (53%), das quais 41,5% são pardas e 11,5%, pretas (MACHADO, 2017). Isto pode ser evidencia de como certas diferenças de base, podem se tornar desigualdades na saúde reproduzidas entre os trabalhadores da área, pois determinam além de seu espaço de trabalho, função específica e risco de exposição ao vírus, as condições de vida fora do espaço laboral e as possibilidades de atenuar os problemas derivados do atual cenário epidemiológico.

O atual cenário de pandemia afetou a todos de alguma forma, no entanto, os profissionais de saúde tem sido particularmente afetados pelo excesso de trabalho, pelas altas



expectativas da população em relação a seu desempenho, pela exposição excessiva ao agente infeccioso, muitas vezes pela dificuldade em lidar com pacientes doentes que recusam a permanência em quarentena (CHEN et al., 2020) e, a longo prazo, pela possível reificação das pessoas trás o atendimento da saúde, sendo um dos outros fatores geradores de desigualdade na saúde para este grupo. Assim, faz-se necessária a criação de espaços diferenciados de acolhimento para os profissionais da área da saúde além da conscientização da população sobre a atual situação destes profissionais.

Considerações finais

Percebe-se, através do exposto, que o estresse é um dos fatores predominantes para o agravamento dos problemas analisados. A partir da análise de tais resultados, observou-se que pressões externas aos profissionais de saúde, que fogem ao controle dos órgãos nacionais, tais como uma pandemia, pode afetar de maneira significativa o estado físico e psicológico dos profissionais. Para Letine, Sonoda e Biazin (2003):

O estresse é um estado produzido por uma mudança no ambiente que é percebido como desafiador, ameaçador ou perigoso para o balanço ou equilíbrio dinâmico da pessoa. Em termos mais científicos, o estresse é a resposta fisiológica e de comportamento de um indivíduo que se esforça para adaptar-se e ajustar-se a pressões internas e externas.

Assim, quando as pressões internas e externas são maiores do que o corpo de profissionais está adaptado para atuar, as condições de estresse se estabelecem e desencadeiam respostas fisiológicas que diminuem a qualidade de vida do indivíduo. Ainda nesse âmbito, observou-se que doenças osteomusculares, resultantes da adaptação aos novos EPIs causam certo desconforto até lesão no trabalhador, que tem de se adaptar a várias camadas de tecidos, máscaras e protetores, tornando seu trabalho mais difícil e favorecendo o agravamento de dores crônicas, desse modo “com a desestruturação de todos esses aspectos da vida, a probabilidade de se desenvolverem sintomas depressivos e de ansiedade cresce muito. As lesões físicas estendem-se para o âmbito psicológico e mental do trabalhador” (BREHMER; LEOLATTO; MIRANDA, 2013).

Pode-se assumir, mediante o exposto, que as condições impostas pela pandemia no setor da saúde como um todo culminaram no desenvolvimento de vários problemas psicológicos pelos profissionais atuantes. A pesquisa realizada aqui, apesar de focada nos profissionais da área da enfermagem, compactua com pesquisas publicadas pelo Ministério da Saúde e com vários artigos referentes ao tema. Primordialmente, revela-se a ansiedade como fator primário de queixas pelos entrevistados, bem como medo e insônia, com números



relevantes para a problemática aqui presente. Além disso, tem-se a presença de fatores geradores de estresse pós-traumático, como por exemplo o próprio estresse e a sensação de inutilidade causada pela atual conjuntura pandêmica.

A situação atual dos serviços de saúde é delicada e exige um esforço mútuo entre profissionais e Estado para que medidas satisfatórias sejam tomadas nesse aspecto. Ademais, o fator de conscientização da população faz com que profissionais tenham que lidar com pessoas que não tomam medidas de segurança e muitas vezes negam a atual crise durante sua rotina de trabalho, intensificando os fatores de estresse e sintomas já citados.

A atual pandemia da COVID-19 revelou mais uma vez, a injustiça e a desigualdade estrutural da sociedade. A epidemia que começou em bairros de alto nível socioeconômico acabou se espalhando rapidamente para as periferias (onde vive a maior parte do pessoal dos hospitais), gerando o maior número de mortes. Isso confirma mais uma vez a necessidade de considerar a saúde como um processo socialmente determinado que tem que ser abordado desde esferas mais amplas do que o que o sistema biomédico permitiu visualizar até agora.



BIBLIOGRAFIA

BARRETO, M. L. Desigualdades em Saúde: uma perspectiva global. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 7, p. 2097–2108, jul. 2017.

BREILH, J. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). *Rev. Fac. Nac. Salud Pública* v. 31, p. 15, 2013.

CHEN, Q.; LIANG, M.; LI, Y.; GUO, J.; FEI, D.; WANG, L.; HE, L.; SHENG, C.; CAI, Y.; LI, X.; WANG, J.; ZANG, Z. Mental health care for medical staff in China during the COVID-19 outbreak. *The Lancet Psychiatry*, v. 7, n. 4, p. e15–e16, abr. 2020.

SONODA, K. C. L. Unifesspa Contra a Covid-19: A Escuta Clínica em Tempos de Pandemia., v. 1, n. 1, p. 8, maio 2020.

LENTINE, E. C.; SONODA, T. K.; BIAZIN, D. T. Estresse dos Profissionais de Saúde das Unidades Básicas de Saúde do Município de Londrina. *Ano XIX*. v. 37, n. 1, p. 21, 2003.

LEOLATTO, C. L. AS VÁRIAS FACES DAS LESÕES POR ESFORÇO REPETITIVO E DAS DOENÇAS OSTEOMUSCULARES RELACIONADAS AO TRABALHO. v. 16, n. 1, p. 9, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15420/8117>. Acesso em: 2 nov. 2020.

MACHADO, M. H. coordenadora. Relatório Final Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (COFEN/FIOCRUZ). Rio de Janeiro. 2017.

MENÉNDEZ, E. L. El modelo médico y la salud de los trabajadores. *Salud Colectiva*, v. 1, n. 1, p. 9, 1 abr. 2005.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 42, n. 3, p. 232–235, jun. 2020.

PAGNO, M. Ministério da Saúde divulga resultados preliminares de pesquisa sobre saúde mental na pandemia. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47527-ministerio-da-saude-divulga-resultados-preliminares-de-pesquisa-sobre-saude-mental-na-pandemia>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SCHEFFER, M.; BIANCARELLI, A.; CASSENOTE, A. Demografia Médica no Brasil 2015. Departamento de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina da USP. Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. Conselho Federal de Medicina. São Paulo: 2018.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M.; BOLZE, S.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, p. e200063, 2020.

TEIXEIRA, C. F. DE S.; SOARES, C.M.; SOUZA, E.A.; LISBOA, E.S.; PINTO, I.C.M.; ANDRADE, L.R.; ESPERIDIÃO, M.A. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 9, p. 3465–3474, set. 2020.



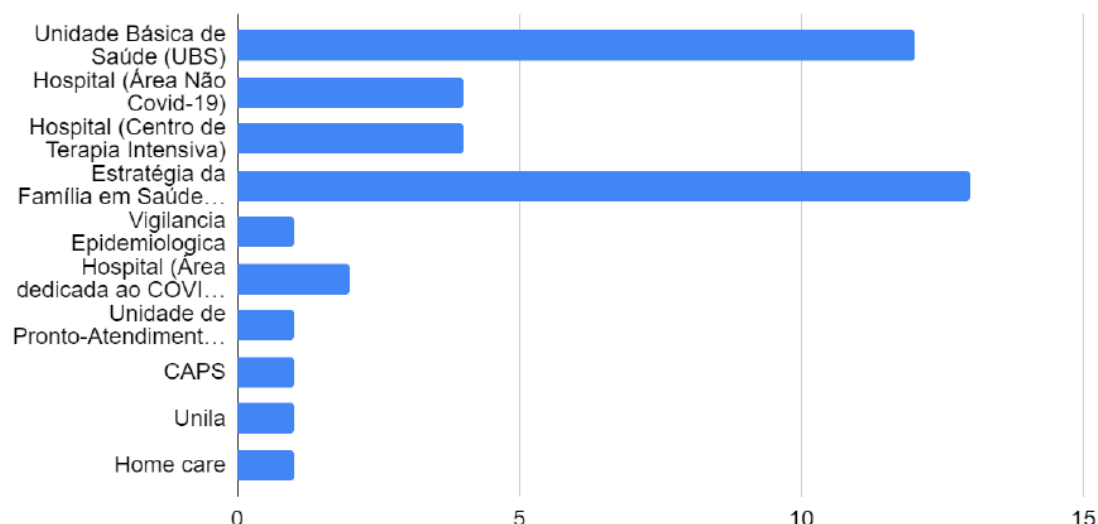
ANEXOS:

Resultados: [Impactos da pandemia de COVID-19 em trabalhadores da saúde.](#)

Qual sua profissão?	Qual sua profissão?
Técnico em saúde bucal	2
Estudante da área da saúde	2
Médico(a)	2
Enfermeiro(a)	18
Técnico(a) de enfermagem	9
Psicólogo(a)	1
Agente comunitário de saúde	2
Fisioterapeuta	1
Biólogo / docente	1
Biologa	1
Dentista	1

ANEXO A: TABELA: PROFISSÃO DOS ENTREVISTADOS.

Recuento de Qual é o seu local de trabalho?



Recuento de Qual é o seu local de trabalho?

ANEXO B: GRÁFICO 1: LOCAL DE ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS ENTREVISTADOS.



Quanto a pandemia afetou sua saúde psicológica nos últimos dias? vs. Quanto a pandemia afetou sua saúde psicológica no seu início (meses de Março e Abril)?



ANEXO C: GRÁFICO 2: COMPARAÇÃO INÍCIO DA PANDEMIA E ÚLTIMOS DIAS PARA SINTOMAS PSICOLÓGICOS NOS ENTREVISTADOS.

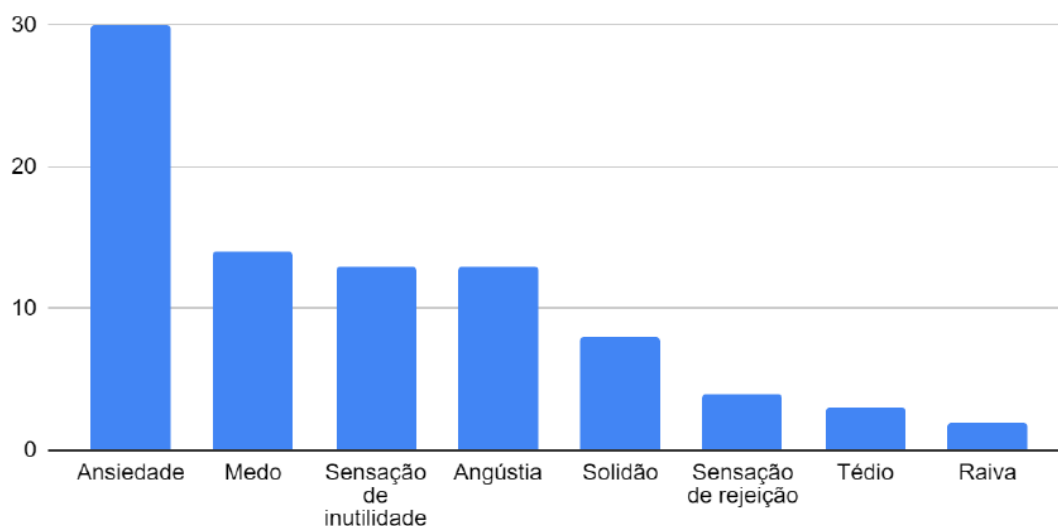
Quanto a pandemia afetou sua saúde física nos últimos dias? vs. Quanto a pandemia afetou sua saúde física no seu início (meses de Março e Abril)?



ANEXO D: GRÁFICO 3: COMPARAÇÃO INÍCIO DA PANDEMIA E ÚLTIMOS DIAS PARA SINTOMAS FÍSICOS NOS ENTREVISTADOS.



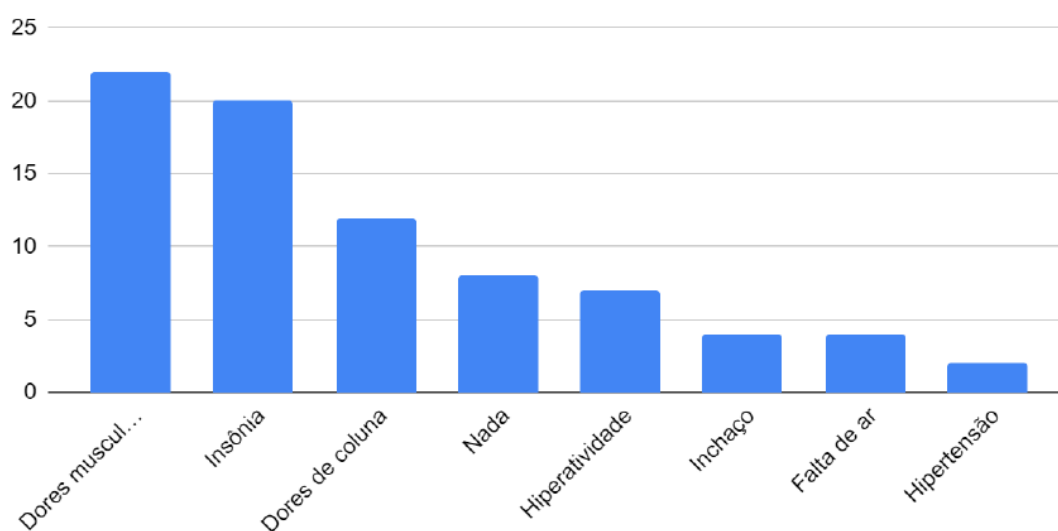
Recuento de Síntomas psicológicos



Recuento de Síntomas psicológicos

ANEXO E: GRÁFICO 4: QUANTIDADE DE ENTREVISTADOS POSITIVOS PARA CADA IMPACTO PSICOLÓGICO.

Recuento de Síntomas físicos



Recuento de Síntomas físicos

ANEXO F: GRÁFICO 5: QUANTIDADE DE ENTREVISTADOS POSITIVOS PARA CADA IMPACTO FÍSICO.